

## ENVELHECIMENTO E PERMANÊNCIA ESCOLAR: O BEM ESTAR E O CLIMA ESCOLAR EM QUESTÃO

Camille Auatt da Silva (1); Gerson Tavares do Carmo (4)

(Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF – camilleauatt@yahoo.com)

(Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF – gtavares33@gmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho teve como objetivo conhecer os motivos que levaram seis idosos estudantes a retornarem para os bancos escolares de uma modalidade formal de ensino – a EJA – ofertada em uma escola localizada na zona rural de Campos dos Goytacazes – RJ e identificar o que os levam a permanecer na instituição de ensino. Por meio da metodologia qualitativa de cunho exploratório, os sujeitos desta pesquisa foram observados diretamente, entrevistados com base na história da conversa e os dados coletados foram analisados com base na Análise de Conteúdo. Concluímos que os idosos retornam ao banco escolar devido principalmente a sua vontade de aprender e permanecem, sobretudo, por conta do bem-estar que a escola proporciona através do bom ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Envelhecimento Populacional, Educação de Jovens e Adultos, Educação de Idosos, Permanência, Inclusão.

### Introdução

Este artigo é resultado de uma pesquisa de mestrado finalizada no ano de 2017 que abordou sobre estudantes idosos da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola da zona rural de Campos dos Goytacazes-RJ. Diferente do pesquisar para identificar os motivos que fazem o idoso abandonar os estudos, esta pesquisa propôs conhecer o que leva à matrícula e apresentar os fatores que levavam à permanência do idoso em uma sala de aula de educação formal, pois acreditamos que somente a garantia de acesso não basta, é necessário garantir a permanência para a efetivação de um direito humano: a educação.

Considerando que o envelhecimento da população é uma realidade em muitos países como no Brasil que – caso continue a envelhecer a passos largos – poderá ocupar o sexto lugar no mundo em população idosa em 2025 (OMS, 2002), entende-se a necessidade de discussões sobre o conceito e olhar para o idoso, a inclusão deste no sistema de saúde, na família, na infraestrutura das cidades, e principalmente no que diz respeito ao campo educacional, pois como vivemos em uma sociedade grafocêntrica, em que a leitura e a escrita são consideradas como ferramentas de inclusão social, ofertar educação para a população idosa que quase não estudou – ou não estudou – na infância devido ao acesso restrito a educação formal no passado é proporcionar-lhes o sentimento de pertencimento social, além da frequência ao espaço escolar propiciar o convívio com outras pessoas, a troca geracional e novas aprendizagens não necessariamente formais que podem levá-los a viver uma “velhice bem-sucedida”, conceito

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

instituído pela Gerontologia e que compõe as novas imagens do envelhecimento (NERI;YASSUDA, 2004 ; CORREA, 2009).

Contudo, algumas questões emergem quando se pensa na relação idoso x educação, sendo elas: há lugar para o idoso de 60 anos ou mais na educação? Estes têm buscado a escola movidos por quais sentimentos ou objetivos? E, acima de tudo, o que tem acontecido para levá-los a permanecer estudando?

Na etimologia vamos usar as referências de Carmo e Carmo (2014) com citação que, para Reis (2009), a permanência é um *continuum*, porque para ela existe a *permanência simbólica* e a *permanência material* e o reconhecimento tem ligação com o primeiro termo, pois “Ser reconhecido, ser visto pelo outro é a condição da existência simbólica: ‘eu só existo se o outro me reconhece’. E se o outro me reconhece como legítimo, aumentam as minhas chances de fazer parte, de estar junto” (REIS, 2009). Tem-se, então, a permanência como movimento no tempo e a relação deste com alguns fatores como o reconhecimento.

Sendo assim, identificar os norteadores da permanência de sujeitos com 60 anos ou mais no ambiente escolar torna-se descobrir caminhos para a inclusividade destes na educação formal, pois a inclusão já é garantida por lei, uma vez que a educação é um direito de todos desde a Constituição de 1988 e o idoso foi “oficialmente” inserido na EJA com o surgimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos estabelecidas pelo parecer CNE/CEB 11/2000. Frente a isso, não há dúvidas que o idoso deve ser incluído na educação, pois é um direito conquistado. Pautamos neste trabalho também, então, a diferença entre os termos inclusão e inclusividade. Por um lado, considera-se inclusão como ato de incluir, colocar para dentro, promover a proximidade ou envolvimento, portanto não implica, necessariamente, o estar dentro, incluído, próximo ou envolvido. Por outro, entende-se a inclusividade como uma qualidade do que de fato inclui, necessariamente pertencente à semântica do que atrai para dentro, aproxima ou envolve. A partir dessa premissa, escolhemos o termo inclusividade para pensar o lugar comum, não como um clichê (ou estereótipo), mas como a efetividade de um direito humano, por exemplo.

Desta forma, o objetivo do estudo foi investigar sobre o processo de retorno e os indicativos de permanência de idosos na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), identificando as causas do acesso, caracterizando as condições, fatores e estratégias que levavam a permanência de seis idosos estudantes com idades entre 60 e 83 anos que frequentavam a modalidade EJA e, conseqüentemente, traçando norteadores para que o direito à educação que o idoso tem seja efetivado.

## Metodologia

A pesquisa retratada caracterizou-se como um estudo exploratório, segundo Babbie (2005). Baseada em uma pesquisa de campo que buscou observar, registrar e coletar dados, buscava-se responder as duas perguntas que regiam o trabalho, sendo elas: o que leva o aluno idoso a retornar/iniciar os estudos e o que o faz permanecer?

Para tanto, seis estudantes com 60 anos ou mais que frequentavam a modalidade EJA de uma escola pública municipal localizada na zona rural de Campos dos Goytacazes – RJ foram observados e entrevistados por meio do método da conversa (MENEGON, 2004) e os dados obtidos foram analisados por meio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011).

A escolha por uma escola da zona rural foi resultado dos rumos da pesquisa, pois em um universo de 27 escolas que compunham a Rede Municipal de Ensino e ofertavam a modalidade EJA no ano de 2016, após contato via telefone e/ou pessoalmente com dirigentes das escolas, apenas duas confirmaram ter a matrícula e a frequência de alunos idosos, sendo uma na zona rural e a outra na zona urbana. Como apesar da boa recepção pela direção em ambas a professora que lecionava na turma da escola localizada na zona central de Campos – RJ apresentar resistência em ter suas aulas observadas, definimos a escola da zona rural como *locus* para o desenvolvimento da pesquisa.

Após todas as liberações necessárias, iniciamos o período de observação. Ao longo de um mês o cotidiano escolar de seis estudantes que frequentavam a referida turma foi observado, assim como a estrutura da escola, resultando em anotações.

A escola funcionava em tempo integral, possuía construção linear e havia sido reformada recente. Com salas de aula ventiladas, um pequeno jardim rodeado de bancos no centro do pátio e um refeitório amplo, a consideramos com boa infraestrutura. No turno da noite funcionava somente a modalidade EJA de ensino. Eram três turmas divididas por fases, porém todas multisseriadas. É importante destacar que tal realidade é muito comum devido à falta de professores na rede e (argumento usado como justificativa) o baixo número de alunos.

A turma pesquisada continha um total de 16 alunos, sendo que 2 mulheres e 4 homens eram idosos com idades que variavam entre 60 e 83 anos. A composição da classe determinou sua escolha. Nela havia alunos matriculados da Fase I a Fase V e era considerada por eles e pela escola a “turma da alfabetização”. Entretanto, nela tinha tanto alunos que de fato estavam nesse nível quanto alunos que já deveriam estar em turma mais avançada como Sra. Sônia (83), Sr. Antunes (71), Sra. Alba (63) e Sr. Nilo (60). Esses quatro idosos já sabiam ler, escrever e fazer operações matemáticas, o que fazia com que eles não deveriam mais estar ali e fossem

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

considerados como ouvintes pela escola. Mesmo já tendo sido aprovados para a próxima fase há alguns semestres, eles preferiam frequentar a turma em específico porque as outras tinham somente adolescentes. Dessa forma, a composição da turma era de 12 alunos matriculados mais os 4 ouvintes.

Frente essa diversidade em sala, a professora passava atividades variadas, metade do quadro era praticamente somente para os “ouvintes” e a outra metade para o restante da turma que ainda tinha dificuldade principalmente na leitura e escrita, como Sr. João (64) e Sr. Salomão (66). Essa divisão feita no quadro refletia no modo como eles se organizam em sala, porém apesar dessa diferença no nível de conhecimento formal e divisão espacial invisível, a turma era bastante unida e ajudava muito um ao outro.

Na segunda etapa da pesquisa, ao longo de três dias, os idosos sujeitos da pesquisa foram entrevistados por meio do método da conversa. De acordo com Menegon (2004, pp.216- 223) “Conversar é uma das maneiras por meio das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam nas relações que se estabelecem no cotidiano”. Ao abordar a história da conversa, Mattos (1998) estabelece a diferença existente entre falar sobre o cotidiano e a fala do cotidiano. Segundo a autora, falar sobre o cotidiano é falar do presente, sendo o cotidiano o conteúdo da conversa. No caso da fala do cotidiano, este aparece como “pano de fundo” do ato social de conversar. Neste caso

A história da conversa vai ser responsável, tanto ao atualizar os conhecimentos como ao retomá-los, por instituir as pessoas como interlocutores, como sujeitos de discurso. E esses sujeitos, justamente porque incluídos na história da conversa, são “sujeitos com memória”, que retomam as conversas e as desenvolvem no seu dia-a-dia. A retomada é de dados memorizados socialmente e, assim, apesar do novo revestimento, apesar de aparecerem como construídos pessoalmente por cada sujeito em sua vida diária, ecoam na memória do sujeito, nessa sua “memória social” (MATTOS, 1998, pp. 30-31).

Sendo assim, a justificativa da escolha por essa metodologia foi porque por se tratar de idosos, eles eram indiscutivelmente “sujeitos com memória” que ao compartilharem semelhanças como a faixa etária e o lugar onde viviam representavam uma “memória social”. Isto é, o grupo pesquisado apesar de apresentar individualidades, compartilhava de um mesmo “pano de fundo”.

Dando-lhes o direito da fala por meio da conversa, muitas dessas memórias puderam ser despertadas e histórias das suas experiências pessoais e educacionais foram contadas sem muitas interrupções ou perguntas pré-formuladas. A partir da frase “Vamos conversar sobre a escola, sua vida na escola”, cada idoso pôde realizar uma espécie de retrospectiva e dali em

diante, de acordo com cada entrevistado, algumas intervenções foram feitas a fim de atingir os objetivos da pesquisa.

As conversas/entrevistas foram realizadas na própria escola em uma sala da educação infantil liberada para o uso pela direção. Quatro dos seis idosos foram entrevistados individualmente, mas o casal Sra. Alba e Sr. Nilo entrou na sala juntos e estavam com horário para ir à igreja, portanto, optamos por entrevistá-los juntos, sendo que um falou primeiro e depois o outro para estabelecer a separação nos dados e não prejudicar a análise. Pela proposta ter sido conversar sobre as memórias escolares deles com a cautela somente para que não desviassem muito da temática, alguns desenvolveram mais suas falas e outros menos, o que resultou em entrevistas com duração entre 10min e 1h20min. Em sequência, todo o material foi transcrito e analisado por meio do método de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011).

A Análise do Conteúdo (AC) foi desenvolvida e utilizada nos Estados Unidos por cerca de 40 anos a partir do início do século. H. Lasswell, fazendo análise de imprensa e propaganda por volta de 1915, aparece como o primeiro nome na história da AC. Constituída por três fases, (1) a pré-análise, (2) a exploração do material e (3) o tratamento dos resultados, inferência e a interpretação, pode-se dizer que utilizar a análise de conteúdo é investigar a partir do material escrito/transcrito que se tem em mãos. Realizando inferências compreende-se o conteúdo por meio do que está expresso no texto.

A primeira fase, a pré-análise, é o momento para organizar o material que será investigado. Sendo assim, as entrevistas que já estavam transcritas foram lidas, assim como tudo o que foi anotado ao longo da observação. Esta etapa é chamada de *leitura flutuante* por Bardin (2011), é o primeiro contato com o material.

Lendo as entrevistas foi possível perceber que ao falarem do histórico escolar deles muitas falas se relacionavam com o assunto família, escola na infância, trabalho, religião, entre outros grandes grupos. Para visualizar esses temas, a cada um foi atribuído uma cor e os fragmentos semelhantes foram coloridos. Isto é, todas as falas que faziam referência à família, em todas as entrevistas, foram coloridas de rosa na ferramenta *Word*. Estes recortes feitos no texto resultaram em categorias e tal processo faz parte da segunda etapa, a exploração do material. No caso do trabalho aqui descrito, foram criadas categorias temáticas, pois as falas foram reunidas por fazerem referência a temas semelhantes.

Na sequência, em uma planilha do *Excel*, oito colunas foram criadas representando cada tema categorizado, sendo elas: (1) escola x infância, (2) leitura e escrita, (3) escola x adulto/idoso, (4) família, (5) sobre a escola/turma pesquisada, (6) passado, (7) trabalho e (8) religião. O Quadro 1 ilustra a formação das oito colunas mencionadas:

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)



CATEGORIAS TEMÁTICAS							
Escola x Infância	Leitura e Escrita	Escola x Adulto/Idoso	Família	Escola/Turma Pesquisada	Passado	Trabalho	Religião

**Quadro 1** – Representação das categorias temáticas elaboradas

Fonte: Dados da pesquisa/ Elaborada pela autora

A partir dessas categorias iniciais, chegamos a categorias intermediárias, como por exemplo, a “escola x adulto/idoso”. Analisando as falas reunidas na referida categoria, percebemos que algumas faziam referência a quando aconteceu o retorno, onde ocorreu, os motivos que levaram a retomarem a escola, etc. Sendo assim, partindo da semelhança entre as falas novas colunas foram criadas resultando nas categorias finais que serão apresentadas e discutidas na sequência.

### Resultados e Discussão

Para a apresentação dos resultados os seis idosos protagonistas da pesquisa estarão identificadas pela inicial do pseudônimo dado a eles, a saber: Alba (A), Nilo (N), Sônia (S), João (J), Salomão (S2) e Antunes (A2). Isto posto, seguem os resultados.

Ao analisar o histórico escolar de cada idoso a partir do que foi recordado por eles na entrevista pôde-se identificar nas falas reunidas na categoria inicial “Escola x Infância” quatro categorias intermediárias, sendo elas: (1) quantos deles estudaram enquanto criança, (2) onde ocorreu o contato com a educação formal, (3) por quanto tempo durou esse primeiro contato e (4) os motivos que levaram ao afastamento da escola. No Quadro 2 e no Quadro 3 é possível observar quem pôde estudar na infância e o que os levou a interromper os estudos.

CATEGORIAS FINAIS		CATEGORIAS TEMÁTICAS	
		Leitura e Escrita	Escola/Turma Pesquisada
Estudou	A:	[...] Eu era criança, eu tinha uns 5 ou 7, sei lá! Eu não me lembro mais... eu tinha uns 7 ou 6 quando estudei lá [...]	
	N:	Quando eu aprendi a ler e a escrever eu já estava com... a partir de 6 anos com D. Mariana. [...]	
	S:	(Fui para a escola) Eu tinha 8 anos [...]	
	J:	Quando eu era criança eu estudei [...]	
	A2:	Frequentei... [...]	
	S2:	Bom, eu na infância não tive oportunidade pra estudar [...]	
Não estudou			

**Quadro 2** – Quantitativo sobre o estudo na infância

Fonte: dados da pesquisa.



Percebe-se no Quadro 2 que somente um idoso – Sr. Salomão – não teve a oportunidade de estudar na infância. Dos que puderam estudar, quatro (Alba, Sônia, João e Antunes) frequentaram escola ou grupo escolar. Sr. Nilo, no entanto, teve acesso a educação formal através de professora particular, o que era uma prática comum na época, porém não eram todos que podiam custear uma professora. Ele, por exemplo, contou que cortava cana para poder pagar a docente.

Por existir muitos motivos que podem levar ao distanciamento escolar, analisamos, a partir de algumas falas, o que levou os idosos pesquisados a interromperem ou, no caso do Sr. Salomão, não estudar. Abaixo, o resultado.

<b>CATEGORIA FINAL</b> <b>Trabalho/Ajudar na renda familiar</b>	<b>A:</b> Parei porque fui trabalhar também, a gente era muito pobre, né? [...] aí a gente trabalhava fora, na casa dos outros. Para comprar as coisas pra gente.
	<b>N:</b> Porque fui trabalhar... [...] Não tive como estudar, menina!
	<b>S:</b> Aí meu pai adoeceu, morreu, deixou 4 filhos menores e eu fui trabalhar pra criar os meus irmãos.
	<b>J:</b> [...] não tive tempo porque eu entrei cedo para trabalhar pra ajudar a criar os outros irmãos, aí parei de estudar pra trabalhar.
	<b>S2:</b> [...] porque tinha que ajudar os meus pais, pra você ter uma ideia quando eu comecei a trabalhar com a idade de 8 anos [...]
	<b>A2:</b> [...] Depois eu parei e fui trabalhar na oficina de bicicleta pra poder me manter, porque meu pai era muito pobre não tinha recurso, aí eu fui trabalhar desde novo, aí deixei a escola.

**Quadro 3** – Motivos para o distanciamento ou não estudar (criança)  
Fonte: dados da pesquisa.

Observa-se pela categorização dos dados que o motivo de todos os idosos terem se distanciado dos estudos foi o mesmo que o do Sr. Salomão (S2) que não pôde estudar na infância: a necessidade de trabalhar para ajudar na renda familiar. Pode-se dizer, então, que o resultado exposto reflete a realidade de muitos idosos que buscam pelas instituições de ensino após chegarem à velhice: a recuperação de um tempo perdido e por que não dizer de um direito negado. Enquanto crianças, a escola para eles foi o seu *não-lugar*, isto é, apenas um lugar de passagem, não de permanência. No caso desta pesquisa, havia outra semelhança entre eles: a zona rural. É importante ressaltar que os sujeitos pesquisados eram moradores de uma cidade localizada distante do centro urbano, tendo a maioria nascido ali ou em lugarejos da região, o que tornava o acesso ao estudo mais difícil.

O distanciamento escolar ou privação quando causado não por vontade própria, mas por motivos ou pessoas externas pode deixar no indivíduo um desejo de retomar a ação interrompida quando possível for. Sendo assim, depois de identificado o motivo de não estudarem ou terem interrompido os estudos quando crianças a análise seguiu abordando sobre o retorno, uma das questões que nortearam a pesquisa.

Observamos dois momentos de retorno: o enquanto adulto e o somente depois de estarem próximos ou na velhice. Sobre o retorno aos estudos na velhice, o foco desta pesquisa, foi necessário categorizar as falas em três grandes categorias intermediárias: (1) a idade do retorno, (2) o local do retorno e (3) o ingresso na escola pesquisada. No Quadro 4 estão as categorias finais que se referem à idade do retorno próximo aos 60 anos ou a partir dos 60.

<b>CATEGORIAS FINAIS</b>	<b>Menos de 60 anos</b>	<b>A:</b> É, foi depois que minhas filhas estavam tudo grande né? [...] Quando eu vim pra cá (escola pesquisada) eu já estava já com... quando entrei pra cá estava com menos de 60 anos... 54 anos?! Eu nem sei mais, porque agora estou com 63 anos.
	<b>Menos de 60 anos</b>	<b>N:</b> [...] Depois que eu mudei aqui pra Tocos, que nós estamos casados, tem filhos, tem neto... eu disse pra ela (esposa): “ <i>Vamos estudar?</i> ” “ <i>Vão bora</i> ” “ <i>É a boa vontade? Vão bora!</i> ” [...] Isso foi lá... foi em 2000 ... foi em 2010... 2011... Não, não! Foi em 2004, 2004...
	<b>Com 62 anos</b>	<b>J:</b> [...] agora que eu voltei, de uns 2 anos pra cá que eu voltei de novo a estudar.
	<b>Com 66 anos</b>	<b>S2:</b> É esse ano que eu (vim para a escola)...
	<b>Com 66 anos</b>	<b>A2:</b> [...] depois de muito tempo que eu retornei ao colégio, depois de idoso [...] depois de uns 5 anos, desde... 66 né? [...] Eu voltei depois de 66 anos, eu tinha 66 anos e eu voltei a estudar, aí estou até hoje.
<b>Com 80 anos</b>	<b>S:</b> Olha, um dia eu fui trabalhar, eu ia 6 horas, aí vinha o pessoal tudo de pasta...aí eu disse “ <i>Espera aí, vocês estão vindo de onde?</i> ” Eu sou muito curiosa [ ] aí ela disse “ <i>Tem uma escola ali...</i> ” “ <i>Ah, pergunta a ela se pode entrar uma pessoa de 80 anos?</i> ”	

**Quadro 4** – Idade do retorno próximo da ou na velhice  
Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com as categorias apresentados em vermelho sobre a idade que eles retornaram aos estudos, é possível observar que entre os seis, Sra. Alba (A) e Sr. Nilo (N) decidiram voltar para os bancos escolares antes de chegarem à velhice. Entretanto, por estarem



com mais de 50 anos e não terem mais interrompido os estudos, esse retorno se adequou a categorização realizada. Entre os outros quatro idosos, nota-se que três retornaram entre os 60 e 70 anos de idade, tendo o marco do início da Terceira Idade como momento de, enfim, ter a oportunidade de estudar. A idosa Sônia (S), por sua vez, surpreendeu com o fato de ter realizado o reingresso aos estudos aos 80 anos.

As duas outras categorias – (2) local e (3) ingresso – surgiram porque se percebeu que cinco dos seis idosos não retornaram diretamente na escola onde aconteceu a pesquisa, existindo uma instituição de “passagem” semelhante entre eles - a “Usina das Letras” - projeto fruto de uma parceria entre uma Usina açucareira referência na região e o Firjan – Sesi/Senai. Por ser referência e muitos dos idosos trabalharem nela ou de alguma forma para ela, o curso de alfabetização de adultos ofertado na Usina se configurou como uma oportunidade de retornar aos estudos para os cinco idosos e foi a partir dela que eles ingressaram na escola pesquisada, pois foram encaminhados para lá.

Prosseguindo a análise, consideramos importante identificar os motivos que levaram o retorno aos bancos escolares, uma vez que o estudo formal não é obrigatório na velhice. Sobre esta temática, foi identificado que apenas D. Sônia teve *incentivos externos* (filhos e netas) e outros voltaram por *vontade pessoal*. Tendo em vista que se há motivo, há objetivo, o Quadro 5 vai demonstrar todos puderam ser resumidos na categoria “vontade de aprender”, pois independente de aprender o que, o objetivo do retorno foi a busca pelo conhecimento.

<b>CATEGORIA FINAL</b>	<b>Vontade de aprender</b>	<b>A:</b> (Voltei) Pra aprender mais um pouco né. [...]
		<b>N:</b> [...] e eu estava com vontade de estudar pro curso de construção Civil, mas acaba que eu tive lá em Campos e tem que pagar 180 reais por mês, então não tem como. [...]
		<b>S:</b> (Queria estudar) Porque eu não sabia! Eu fazia uma lista pra fazer compra e quando chegava lá eu tinha que adivinhar o que eu escrevia [...]
		<b>J:</b> Aprender a ler, a escrever. Ter uma importância melhor pra gente, porque sabendo ler é mais fácil pra gente transitar no comércio, pra andar na cidade [...] Então a gente sabendo ler pelo menos o nome já é mais fácil, não precisa depender da outra pessoa pra indicar a gente. [...]
		<b>S2:</b> Porque eu precisava, porque o dia a dia que a gente rompe, cada dia está ficando mais difícil pra gente [...] [...] Pra estudar, pra aprender aquilo que eu não sabia, aquilo que eu não conheci [...] Quero aprender ler e escrever.
		<b>A2:</b> [...] voltei porque queria aprender mais coisa que eu não sabia [...] Principalmente a matemática, eu gosto muito! Foi o maior motivo (para ter voltado) foi isso (a matemática).

**Quadro 5** – Motivos do retorno/início dos estudos

Fonte: dados da pesquisa.

Nota-se que diante do tempo livre e da oportunidade, somado ao desejo de aprender, os idosos pesquisados decidiram retomar ou iniciar os estudos. Parecem, assim, ser representantes do novo perfil de idosos: o que anseia pelo saber.

Ainda sobre a permanência, dividimos as falas em relação à escola em três grandes temas: (1) os motivos para frequentar, (2) o que eles acham sobre a escola e a turma pesquisada e (3) os motivos que os levariam a interromper os estudos e novamente foi identificado o interesse em aprender. Portanto, eles entram para aprender e ficam para aprender mais e mais.

Seguindo a análise, foi categorizado qual era a opinião deles em relação à instituição onde estudavam e a turma que frequentavam. O resultado encontra-se a seguir.

<b>CATEGORIAS INTERMEDIÁRIAS</b>	<b>Escola boa</b>	<b>N:</b> A escola está boa! Ótima!	<b>CATEGORIA FINAL</b>	<b>Bom ambiente escolar</b>
		<b>S:</b> Muito bom aqui! [...] Ah essa vida aqui (na escola) é muito boa!! [Risos]		
		<b>J:</b> Da escola aqui pra mim não tenho o que dizer, pra mim é boa, não tenho nada a falar da escola. [...]		
		<b>S2:</b> Bom... Pra mim (aqui é) mil maravilhas! Eu não tenho nada de falar nada!		
		<b>A2:</b> (Estou há 5 anos aqui) Porque o ambiente aqui é bom [...] A escola aqui é muito boa, meu Deus do céu! Quem dera que fosse como antigamente... ai! Quem dera que antigamente fosse igual a hoje! Porque hoje é muito bom, tem tudo, tem merenda... [...]		
	<b>Gosta dos colegas de classe</b>	<b>A:</b> Gosto dos colegas... [...]		
		<b>N:</b> [...] Os colegas são bons, tudo bonzinho. É tudo calmo, quietinho...		
		<b>S:</b> [...] Os colegas também são muito bons, todos eles! [...]		
		<b>J:</b> Aqui eu gosto de todo mundo. Dos amigos, [...] dos colegas que estuda junto, de todo mundo, não tenho que falar de ninguém. Todo mundo são meus amigos... [...]		
		<b>S2:</b> [...] Felizmente que a nossa sala é... a mão de Deus, é muito abençoada porque não tem bagunça [...] Eu gosto de todo mundo, porque eu trato eles bem, eles me tratam bem então eu não posso falar nada.		
		<b>A2:</b> Eu gosto muito dos colegas, [...]		
	<b>Professor bom</b>	<b>A:</b> [...] ele (marido) quer estudar com a Flávia de novo.		
		<b>S:</b> [...] Os professores são ótimos, o Diretor, todo mundo né? Muito bom!		
		<b>J:</b> [...] das professoras, [...]		
		<b>A2:</b> [...] principalmente dos professores, você que apareceu agora né? Amizade grande, é isso aí!		

**Quadro 6** – Opinião sobre a escola e a turma  
Fonte: dados da pesquisa.

Como pode ser observado no Quadro 6, as falas em relação à opinião deles sobre a escola pesquisada e a turma em que estudam foram inicialmente classificadas em três categorias: (1) “escola boa”, (2) “gosta do colega de classe” e (3) “professor bom”. Cinco dos seis idosos falaram bem da escola, todos os seis demonstraram gostar dos colegas de classe e quatro deles fizeram referência ao docente. A partir desses dados, foi possível agrupá-los em uma única categoria que está destacada em vermelho na extremidade direita do quadro: o “bom ambiente escolar”. Sendo assim, no caso desta pesquisa, pode-se dizer que a união desses três elementos (escola boa, bons colegas de classe e uma professora boa) pôde ser considerado como indicador de permanência escolar desses idosos.

E, finalizando a pesquisa, reforçou-se a ideia do quanto os colegas eram importantes para a permanência deles, pois foi identificado que entre os motivos que os levariam a deixar de estudar estava a troca de turma exigida pela Coordenação Municipal da EJA. De acordo com eles, o barulho causado pelos alunos mais novos atrapalhava a concentração nas aulas, além do mais pode-se dizer que são gerações com objetivos diferentes em relação a escola.

Uma turma composta em sua maioria por idosos e também adultos que estão na escola ou retornaram para ela com o objetivo de adquirir conhecimento resulta em uma classe onde há homogeneidade de interesse e expectativas – não de sujeitos, pois cada um é único – o que pode levar a sensação de pertencimento, de identificação com seus pares, resultando em permanência e principalmente em inclusão de fato.

## **Conclusões**

O grupo dos idosos tem se constituído como o mais populoso em diversos países por todo o mundo e, como foi visto nesta pesquisa, uma parcela dos pertences da Terceira Idade tem apresentado um perfil diferenciado a como os idosos eram caracterizados antigamente. Alguns idosos têm sentido vontade de aprender e apresentado uma postura mais ativa.

Dentre os idosos pesquisados, identificou-se uma realidade muito atual ainda entre os idosos do Brasil: o analfabetismo na Terceira Idade. Por não terem tido muito ou nenhum contato com a escola no passado, muitos deles decidem voltar para o espaço escolar por motivos e sonhos diversos. Continuam frequentando por fatores também específicos que podem passar despercebidos até para eles mesmos, porém, são fundamentais para a permanência escolar.

Sendo assim, a partir do que foi exposto e debatido nesta pesquisa é possível concluir que o retorno dos idosos estabelece relação com a privação que tiveram ao acesso formal no passado. Por morarem na zona rural – onde o acesso à escola já era dificultado – e pertencerem a famílias com baixa condição econômica, a necessidade de trabalhar foi superior à de estudar

na infância. Como foi visto, nenhum dos seis pesquisados deixaram de estudar ou não estudaram porque não quiseram ou não se interessavam pelo ambiente escolar. Foi um fator externo – no caso, o trabalho – que os levou a se distanciarem da escola ou não frequentá-la, o que nos permite dizer que o desejo de estudar se manteve neles mesmo após o distanciamento necessário. Mediante também ao que foi apresentado, podemos concluir que a permanência escolar desses idosos estava relacionada ao significado que a escola tinha para eles. Os idosos pesquisados buscaram a instituição escolar movidos pela sua vontade de aprender, contudo encontraram nela também um local de lazer, de distração. Dos três fatores indicados que levavam a permanência dos idosos, houve um fator que apresentou peso maior nesta tríade: os colegas de turma. A importância de compartilhar um ambiente com pessoas com os mesmos objetivos é tão significativa que pode superar a vontade que eles têm de aprender e levá-los a parar de frequentar a escola.

Dessa forma, defende-se a importância de turmas específicas para idosos na modalidade EJA de ensino, o que efetivará o direito que eles têm a educação, pois os proporcionarão a verdadeira inclusão.

## Referências

BABBIE, E. **Métodos de pesquisa de Survey**. 3ª reimpressão. Belo Horizonte : UFMG, 2005.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Parecer 11/2000. Brasília, 2000.

CARMO, C. T.; CARMO, G.T. A permanência escolar na Educação de Jovens e Adultos: proposta de categorização discursiva a partir das pesquisas de 1998 a 2012 no Brasil. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 22, n. 63, p. 1-45, 2014.

CORREA, M. R. **Cartografias do Envelhecimento na Contemporaneidade: velhice e terceira idade**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

MATTOS, M. A. de. **Dispersão e Memória no Quotidiano**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MENEGON, V. M. Por que jogar conversa fora? Pesquisando no cotidiano. In: SPINK, M. J. **Práticas Discursivas e produção de sentidos no cotidiano – aproximações teóricas e metodológicas**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

NERI, A. L.; YASSUDA, M. S. (Orgs.). **Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Envelhecimento Ativo: uma política de saúde**. Segunda Assembleia das Nações Unidas sobre o Envelhecimento, Madri/EP: abril, 2002.